

O PROFESSOR E A CULTURA DIDÁTICA DO CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PRIMÁRIOS DE CATALÃO CATALÃO - 1965-1983¹

Wolney Honório Filho*
Alessandra Cardoso Alencar**

Resumo:

Formar professores no Brasil no mundo contemporâneo é uma atividade que ganha fôlego, quanto mais a Educação apresenta-se como instrumento de desenvolvimento nacional. Em nosso caso, o estudo histórico da formação de professores, no Centro de Formação de Professores Primários de Catalão (C.F.P.P.C.), toma esta área de conhecimento como um problema, relacionando esta formação com a cultura didática dos anos que vão de 1965 a 1983.

Palavras chaves: Centro de formação. Professores. Cultura didática.

Abstract:

To form teachers in Brazil in the contemporary world is an activity that gains breath, the more the Education is presented as instrument of national development. In our case that, the historical study of the formation of teachers, in the Center of Formation of Primary Teachers of Catalã (C.F.P.P.C.), it takes this area of knowledge as a problem, relating this formation with the didactic culture of the years that go of 1965 the 1983.

Key Words: Center of formation. Teachers. Didactic culture.

No primeiro Encontro de Professores do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão (C.F.P.P.C.), promovido pelo Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, em 24 de outubro de 2007, Suely da Paixão, diretora do Centro de Formação de 1967 a 1982, disse: *Recordar é viver. E falar do Centro de Formação de Professores de Catalão é muito alegre e prazeroso...O centro de formação de professores de Catalão foi um dos maiores marcos iniciais na evolução da educação em Goiás.*² Em seguida, datou historicamente a fundação do Centro de Formação:

Fundado em 1964 e confirmado pela Lei 6.341 de 1966 e reconhecido pelo Conselho Estadual de Ensino – resolução nº 198 de 22/12/1967, na gestão do governador Mauro Borges. Mantido pelo UNICEF, UNESCO, MEC e SEC

¹ Este artigo é uma nova abordagem para um tema, formação de professores em Catalão nas décadas de 1960 a 1980, o qual venho pesquisando desde 2000 e já produzimos artigos, tais como HONÓRIO FILHO, Wolney “Livro diário de um mundo”. In. **Cadernos da Fucamp**. Monte Carmelo-MG, 1(1) Dez/2002. Veja também Nota 4.

* Professor do Curso de Pedagogia UFG – Catalão. whonoriof@gmail.com – <http://www.soprando.net>

** Aluna do Curso de Pedagogia UFG – Catalão - alencassandra@gmail.com

² 1 Encontro de Professores do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão, promovido pelo Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, em 24 de outubro de 2007. Disponível em < <http://www.soprando.net/eventos/memoria-e-formacao-de-professores-em-catalao-parte-ii>>. Acesso em 23 de julho de 2008.

que atuaram, neste tempo, na formação de professores. O Centro objetivava suprir a enorme carência que Goiás tinha de professores com formação profissional para o magistério.³

O Centro de Formação de Professores Primários de Catalão tem sido um instigante objeto de pesquisa no campo da História da Educação em Goiás, e em especial no Município de Catalão⁴. E destas pesquisas, a última, realizada em 2006/2007 teve como objetivo a investigação da cultura didática no cotidiano da realidade educacional do C.F.P.P.C⁵.

Alguns traços marcantes dessa cultura merecem ser destacados: em geral as atividades eram repetitivas, levando o aluno ao trabalho da memorização, com o intuito de absorver somente o necessário para sobrevivência no meio social. As atividades didáticas focalizavam-se em exercícios desenvolvidos na cartilha, com objetivos de reforço e fixação de conteúdos. A Didática, pode se dizer, era uma atividade reprodutora de métodos e técnicas orientados pelo projeto educacional implantado no C.F.P.P.C.

Na opinião de uma das entrevistadas Suleima Nicoletti, ... tudo era extremamente organizado e planejado, até as possíveis respostas que os alunos iriam dar. (Entrevista realizada com Suleima André Nicoletti, realizada em 22/06/2001).

Portanto, a visão que conseguimos desenhar dessa Cultura Didática no C.F.P.P.C. nos mostrou que a maior preocupação do ensino era a reprodução e a repetição de palavras e sons, sem ao menos se preocupar em ensinar os significados daquela linguagem para os educandos. Segundo Paulo Freire (1996), era uma educação que se pautava pela resposta.

³ Idem.

⁴ Outras pesquisas que já foram realizadas:

HONORIO FILHO, W. **O Barquinho Amarelo e os Métodos de Alfabetização no C.F.P.P.C** – Especialização em Alfabetização – aluna orientanda REILA TEREZINHA DA SILVA LUZ –.2001.

_____. **Fontes e documentos Para a História da Educação em Catalão** – 2 Projetos Prolicen/UFG: de agosto 2002 – fev 2003. Alunos orientandos: Rogério Dias Santana e Amanda Juliana Costa.

_____. **O Centro de Formação de Professores Primários de Catalão e suas relações com o Regime Militar** ; Projeto (PIBIC/UFG) –2004/2005 – aluna orientanda Camila Aparecida de Campos

_____. **O Centro de Formação de Professores Primários de Catalão e suas relações com a Política Regional. Catalão 1965-1983.** – Projeto (PIBIC/UFG) 2005/2006– aluna orientanda Camila Aparecida Campos

_____. **A cultura didática do centro de formação de professores primários de catalão. Catalão 1965-1983.** – Projeto (PIBIC/UFG) 2006/2007 – aluna orientanda Alessandra Cardoso Alencar.

⁵ Conforme nota acima

Percebe-se então que a preocupação no C.F.P.P.C. era com a formação técnica derivada do conhecimento científico em detrimento da formação intelectual crítica. Somando-se a isto a preocupação com as habilidades técnicas, que, apesar de não serem suficientes para o professor compreender a realidade que o cerca, principalmente a relação professor e sociedade, escola e alunos, foram consideradas parte importante da formação do professor naquela instituição.

Observamos que o professor, de certa forma, usava como critério de aprendizagem atividades que os alunos já tinham resolvido em suas cartilhas, tratando isso como forma de reforço e fixação do conteúdo ensinado pelo professor, não possibilitando assim que o aluno refletisse sobre o que estudava. Ou seja, o aluno decorava o conteúdo ensinado pelo professor.

Nesse viés didático-pedagógico, o aluno era visto como uma tábula rasa, que chegava à escola sem nenhum conhecimento, tábula que ia sendo preenchida por meio dos conteúdos que lhes eram propostos e desenvolvidos durante o ano; como um receptor passivo, inserido num mundo que deve conhecer mediante informações e conteúdos, cuja posse o tornava mais eficiente.

O termo cultura didática é utilizado aqui como um campo de discussão do que vem sendo chamado de cultura escolar⁶. Julia conceitua a cultura escolar como

um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001: 10).

Cabe ressaltar que, nesse leque de conceitos teóricos, o termo cultura vem se mantendo como um forte indicador de sentido, ou direção analítica. dessas normas e práticas pedagógicas. Mas isso não significa que seu próprio sentido seja ponto pacífico de discussão. Pelo contrário, a maneira de se apropriar desse sentido, no campo da História da Educação, passa também por diferentes interfaces.

Aqui, vamos utilizar as idéias de Michel de Certeau, que diz:

Com certeza, se é verdade que qualquer atividade humana possa ser cultura, ela não o é necessariamente ou não é ainda forçosamente reconhecida como tal. Para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas

⁶ FALCON, 2006; VIDAL e FARIA FILHO, 2003; MELLHO, s/d; JULIA, 2001; FARIA FILHO, 2004

sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza (CERTEAU, 1995: 141).

No C.F.P.P.C. o que não faltava eram normas e práticas específicas incorporadas no plano de formação dos professores primários. Elas se espalhavam por meio de uma maneira de agir específica, seja pelos planejamentos detalhados⁷, ou mesmo dos exercícios e avaliações aplicadas.

Numa ficha de avaliação do professor, que na verdade era aluno do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão, constava: “avaliação cognitiva, afetiva e psicomotora”. Nela vinha escrito:

Centro de treinamento e formação de pessoal, Centro de Formação de Professores, Catalão – GO. Ficha de avaliação final da primeira etapa. Curso Supletivo de habilitação profissional para as 4 séries de primeiro grau – primeira etapa. (PAIXÃO: 2007).

Em seguida, vinha a procedência da aluna, o período de duração da primeira etapa. Consequentemente a apreciação geral:

iniciou o curso com pouco aproveitamento, conseguindo todavia, no final, integrar-se totalmente no seu espírito, sendo destacado o seu crescimento em diversos aspectos, especialmente em valorização. Falta-lhe entusiasmo. Revelou espírito de iniciativa. Faltou com frequência e assiduidade necessária ao curso. Comunicativa, boa em locução, tonalidade de voz adequada. (PAIXÃO: 2007)

A seguir, vinham as sugestões para o atendimento do aluno em estágio supervisionado: *Bom manejo de classe. Necessita de direção firme para realizar seus trabalhos futuros.*⁸

A prática de ensinar era levada a sério dentro do C.F.P.P.C. As professoras acreditaram e estiveram convencidas de estarem aplicando a metodologia de forma correta. É o que podemos perceber na fala da professora Maria Helena dos Reis:

A gente preparava a criança tão bem para escrever, que eu me lembro que eu chorava muitas vezes quando eu via os escritos dos meus alunos, eles escreviam de uma forma tão espetacular que eu não acreditava que eu, como

⁷ Vamos falar mais sobre isto logo à frente

⁸ Suely da Paixão - 1 Encontro de Professores do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão, promovido pelo Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, em 24 de outubro de 2007

professora, pudesse preparar as crianças para produzirem textos daqueles feitos então, eu chorava muito quando ia ler. (Entrevista em 03/04/2001).

O que é curioso é que a princípio, poderíamos supor que esta cultura didática fosse algo imposto e, portanto, autoritário naquele momento. Entretanto, como veremos a seguir e pelo próprio depoimento da professora Maria Helena acima, a apropriação da proposta de formação docente, pelos professores responsáveis, diminui esta faceta impositiva. A didática aprendida e dominada continua sendo edificada pelos professores que se formaram e trabalharam no C.F.P.P.C.:

O objetivo era preparar a gente para ser auto-suficiente, que essa parte da didática, isso a gente domina. Infelizmente, o pessoal, ex-professores do C.F.P.P.C., que sabia muito essa didática está em casa, aposentou. O que é bom mesmo, o que valeu as lágrimas foi o domínio da didática, você fica tão bem de saber que você é capaz de fazer o aluno aprender. (Entrevista em 03/04/2001).

A preocupação deste texto foi criar um recorte que pudesse aproveitar a primeira pesquisa sobre a cultura didática do C.F.P.P.C.⁹ e relacioná-la ao (à) professor(a) que esteve presente no C.F.P.P.C., seja na qualidade de aluno/futuro professor, ou mesmo de professor/formador dos futuros professores.

O processo de ensinar, no Centro de Formação, não pode ser deslocado, ou distanciado do seu sujeito específico: o(a) professor(a). Como se dava esta relação entre a regra reprodutora de conhecimento e a participação do professor? O que as pastas de documentos, tais como cadernos de atividades, apostilas, avaliações, planos de aula entre outros, apontam como atividade do professor?

Em outras palavras, a cultura didática, no Centro de Formação de Professores de Catalão, certamente apostou numa perspectiva de formação de professor. Há vários indícios de que esta formação esteve carregada de princípios de grandeza para o profissional da educação:

Professor, nós somos gente. Ser gente é ser tudo isso:
É ser grande por natureza
É ter valores imanescentes e transcendententes
É ser bom por si mesmo
É ser livre na sua verdadeira acepção.
(Caderno de planos de aula de Elza Pires dos Santos).

⁹ • HONORIO FILHO, W. “A cultura didática do centro de formação de professores primários de catalão. Catalão 1965-1983”. – Projeto (PIBIC/UFG) 2006/2007 – aluna orientanda Alessandra Cardoso Alencar

Como esta perspectiva se articulou no seu cotidiano pedagógico?

Em resumo, este texto teve por objetivo pesquisar a relação entre a formação de professores e a cultura didática da realidade educacional do C.F.P.P.C. E, também, de identificar as concepções de formação de professores, bem como de sociedade nas práticas culturais da didática no C.F.P.P.C.

A didática envolve vários elementos tais como: seus recursos, o planejamento didático, a relação professor aluno, a disciplina na sala de aula, os conhecimentos promovidos.

Segundo Nóvoa,

(...) é possível imaginar, de forma necessariamente simplificada, três grandes modelos pedagógicos: a ligação entre os professores e o saber configura uma perspectiva que privilegia o ensino e a transmissão de conhecimentos; a junção entre os professores e os alunos valoriza os processos relacionais e formativos; a articulação entre os alunos e o saber favorece uma lógica de aprendizagem. (NÓVOA, 1995:8).

Assim sendo, ao fazer questionamentos sobre a relação entre o professor e a didática utilizada, presumimos que haja um caráter interativo no processo de produção de conhecimento, e isso implica discutir variáveis que norteiam a prática do professor e as referências que eram feitas a ele no C.F.P.P.C.

Certeau nos lembra que

quando se é historiador, que fazer senão desafiar o acaso, propor razões, quer dizer, compreender? Mas compreender não é fugir para a Ideologia, nem dar um pseudônimo ao que permanece oculto. É encontrar na própria informação histórica o que a tornará pensável. (CERTEAU, 1982:133)

Ao analisar as fontes documentais desta pesquisa¹⁰, que se encontram no NEPEDUCA¹¹, procuramos os sentidos, o pensável, e a compreensão da dimensão da prática docente no C.F.P.P.C., ou seja, o que é ser um bom professor neste Centro de Formação. A professora Suely nos dá algumas pistas:

¹⁰ documentos oficiais do estado (ofícios, atas e outros), documentos produzidos pelas (os) bolsistas (diário, textos e outros) e as entrevistas feitas pelo professor Dr. Wolney Honório Filho, para o projeto “Em tempo de educar: formação cultural de professores no interior de Goiás. Catalão 1921-1974”, com as ex-alunas e pessoas ligadas ao C.F.P.P.C.

¹¹ Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação de Catalão, Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Goiás – Campus de Catalão. Este núcleo vem mantendo e organizando a documentação pessoal da professora Suely da Paixão, doada em 2002 para este núcleo.

Criatividade, muito estudo, muita pesquisa. Não tinha Internet e nada. Eram os livros, os programas. Tinha que ser um bom professor de conteúdo, manter certa disciplina, porque era um curso muito pesado. Eram poucos meses para fazer um curso de segundo grau. Assíduo, pontual na entrega dos relatórios, porque todo mês ia relatório das aulas para Goiânia, para ser avaliado. Eles mandavam sempre a retro informação; e tentar ter estas retro informação e corrigir, não é? Pesquisador, paciente, porque os alunos tinham muita tristeza de estar fora de casa (Cf. Entrevista com Suely da Paixão, fita 01, 03/09/2007).

Estudar no C.F.P.P.C., para ser professor, era algo considerado como um privilégio, mas também uma tarefa difícil. Os dez meses de internato eram considerados um período simultaneamente de muito aprendizado e muito trabalho, pois as atividades se estendiam do período da manhã até a noite (HONORIO FILHO, 2003).

No dia 10 de junho de 1970, um dos bolsistas, dialogando com o Diário¹², onde fazia anotações do dia a dia do Centro de Formação, escreveu:

Há muito tempo que precisamos falar, com você, digo, contigo para lhe dizer todas novidades que aqui ocorrem. Hoje, pela segunda vez que nos encontramos, não é? Quero aproveitar o ensejo para falar sobre o dia 10(dez) de junho, o qual é o presente. Paz... tranqüilidade e harmonia é o que reina neste maravilhoso dia. Pela manhã, assim que levantamos e fomos tomar o nosso café de sempre, o sol não estava saliente, parece até que partilhava da tranqüilidade. Enquanto o vento calmo soprava e ventilava o recinto, tomamos o café e fomos para os departamentos, onde tivemos na primeira aula um teste de Sociologia. Depois mais duas aulas uma de EE.SS e outra de Linguagens, isto porque a hora de tomarmos a refeição já se aproximava. Almoçamos e fomos para a diretoria geral afim de assinarmos nossas folhas de pagamento enquanto algumas colegas repousavam. Bem... voltamos para nossas salas de estudo onde tivemos mais três aulas, Ciências, Português e Matemática. Quando os ponteiros do relógio assinalaram 17h 10 min a sineta tocou anunciando o término das aulas do dia. Saímos apressados para nos prepararmos para o treino de voleibol. Logo depois fomos ao refeitório onde tomamos nossa última refeição do dia. Eu e meus colegas já estávamos na expectativa do jogo Brasil versus Romênia, no qual Brasil venceu com três gols a dois. Tendo ainda alguns bolsistas trabalhando nos departamentos até 21h 30 min. Sr. Diário, já são 22 horas e precisamos nos repousar. Boa Noite.¹³

O regime de internato dos alunos e alunas tinha uma jornada extensa de trabalhos, como podemos ver acima. Isto sugere que o aprendizado para ser professor tinha suas dores e sofrimentos, frente a esta jornada durante dez meses. Mas o que esses estudantes faziam para aprenderem a ser professores?

¹² O Livro Diário era um livro em que todo dia uma aluna, ou aluno, ficava responsável por escrever e ler em voz alta, geralmente na hora do almoço, seu relato de como foi o dia anterior. Ver em HONORIO FILHO, 2002.

¹³ Diário C.F.P.P., nº 91, de 10/06/1970, p.01.

As atividades eram variadas e compreendiam leituras, aulas teóricas, aulas práticas, educação física, etc. Em algumas edições do Jornal do Lions Clube de Catalão, localizamos informações sobre homenagens, receitas, entrevistas, pensamentos notícias, etc..., que eram lidas no dia-a-dia pelos estudantes, futuros professores¹⁴.

Nessa mesma pasta, encontramos ainda uma apostila ensinando passo a passo “A arte de fazer um teatro de bonecos”. Nela, ensina-se a confecção dos bonecos, do cenário, e também a dramatização de uma peça teatral.

Além desses documentos citados acima, encontramos um caderno de conceitos, e entre conceitos algumas bases de experiências:

De sentimentos de segurança entre professores e alunos;
Deve haver amizade entre professor e aluno e entre os próprios alunos, aí sim haverá maiores possibilidades de segurança. O professor pode promover essa segurança sendo amigo das crianças, conversando, procurando conhecê-las.
O professor precisa ser alegre, com isto não quero dizer que ele precisa viver as suas aulas dando gargalhadas. A alegria do professor deve ser suave, é aquela alegria do dever cumprido. De quem vive em paz consigo mesmo e com os outros. O ambiente alegre da sala de aula e a aparência alegre do professor contribuem para o controle emocional da criança. O professor precisa ser otimista para transmitir otimismo.
O professor deve promover atividades para proporcionar a estabilidade geral da criança, o seu bem estar, a sua aceitação pela escola e pelos colegas, enfim, o seu desejo de aprender a ler.¹⁵

O professor é desenhado como alguém que deve ser alegre e otimista. Alegria e otimismo, como nós sabemos, não são estados de espírito naturais de um professor. Mas essa representação da alegria e otimismo é projetada como um comportamento profissional.

O otimismo e alegria podem ser interpretados como itens importantes para o estabelecimento de um bom relacionamento entre professores e alunos, um dos aspectos importantes ressaltados por Nóvoa¹⁶, no que diz respeito aos modelos pedagógicos (relação professor/saber; professor/alunos; aluno/aprendizagem).

Ainda encontramos nesse material orientações de atividades com o objetivo de desenvolvimento do controle motor, a serem trabalhadas com as crianças. Percebe-se então que esse caderno funcionava, na época, como um guia para o professor, indicando caminhos que ele deveria seguir passo a passo no seu planejamento.

¹⁴ Pasta n. 54, acervo NEPEDUCA.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Veja a citação acima - NÓVOA, 1995:08

Um exemplo são estas frases sobre o professor: *O professor educa uma criança, com o olhar, com um gesto, com uma palavra e com um sorriso. Ou, O professor é como a vela, consome-se iluminando*¹⁷. O professor tinha, portanto, uma orientação de que não só suas palavras promoviam um processo de ensino aprendizagem. Seu corpo, por meio do olhar, um sorriso, ou um gesto, era também objeto de aprendizagem e determinante na organização do processo didático.

Outra via de formação do professor era o material didático. Ele era constituído de apostilas, preparadas no próprio Centro de Formação de Professores, e verificadas, ou aprovadas pelo pessoal de Goiânia.

...mas a parte didática era muito bem orientada pela coordenação de Goiânia, né? Nós fazíamos o planejamento...com a divisão dos objetivos, conteúdo, as estratégias e tudo; a gente ia para lá, planejava, voltava, reunia com todos os professores, discutia tudo, porque tudo era feito de acordo com as datas: independência do Brasil se fazia um projeto de um mês; aniversário de Catalão se fazia um projeto de um mês, porque tinha os desfiles. Então a gente reunia e fazia os relatórios, que eram mandados para eles. E eles faziam a retro informação, concordavam com alguma coisa, discordava de alguma coisa. (Entrevista com Suely da Paixão, fita 01, 03/09/2007)

É reveladora essa meticulosidade da prática do planejamento. Uma leitura apressada desse processo nos remete a interpretá-lo como um rígido sistema de controle. O processo era planejado no mínimo três vezes: o inicial, feito pressupostamente pelos coordenadores e diretora; aquele feito em Goiânia, com a equipe do Estado; e finalmente com os professores. Duas interrogações merecem destaque: o “nós”, da primeira fase, envolvia todos os professores ou eram apenas coordenadores e diretora que participavam do processo? E a segunda: na terceira etapa, os professores realmente discutiam o planejamento ou apenas apreendiam os seus objetivos, métodos e estratégias?

Assim, nas atividades didático-pedagógicas, nota-se um direcionamento, constituindo, na prática, desafios constantes, e esses desafios se tornam aparente na fala da depoente Eva Faria da Silva Barbosa:

9 horas de curso por dia, todo planejamento baseado na metodologia americana, na tendência americana, pra encerrar, vinha os conteúdos programáticos prontos para nós. Os conteúdos vinham na tendência tecnicista, àquele que você dita e os alunos gravam até o dia da prova. (...) só que isso era dado de forma teórica para a gente, só que quando a gente ia partir para o aluno era feito o que não se faz hoje, todo diagnóstico da

¹⁷ Pasta n.54, acervo NEPEDUCA.

clientela que a gente atender todo esse conteúdo na hora da prática com o grupo de aplicação. Nunca nós saímos de lá sem falar em teoria e botar em prática, era tudo baseado na realidade daquele aluno. Todo o plano era adaptado para a comunidade local, os alunos não eram cobaias, eles serviam mais de uma espécie para mostrar para nossos professores a gente lá no grupo, eles assistiam aula em um período e no outro eles assistiam nossas aulas de demonstração. (Entrevista em 03/04/2001).

Historicamente, o tecnicismo veio combater o modelo pedagógico tradicional, a fim de trazer melhorias para o ensino-aprendizagem, utilizando, assim, de atividades mais técnicas e menos eruditas no cotidiano pedagógico do professor. No entanto, o conhecimento não é algo pronto e acabado e essas técnicas precisariam ser mudadas com frequência.

No decorrer da ação pedagógica, surgem conflitos de natureza diversa, que exigem muito mais do professor do que seu conhecimento sobre as técnicas, o que não significa que se deve abandonar a utilização da racionalidade técnica em qualquer situação da prática educativa. Existem múltiplas tarefas concretas em que a melhor e por vezes a única forma de intervenção eficaz consiste na aplicação das teorias e técnicas disponíveis.

Mas ela pode ser tomada como uma atividade reflexiva e criativa, na qual algumas aplicações concretas de caráter técnico podem ser necessárias. Mas exercer a atividade docente no C.F.P.P.C., ou seja, “dar aulas”, não se resumiu a uma atividade técnica. O ato de ensinar não era o mesmo que aplicar métodos e técnicas, ou ainda copiar a receita do bolo, na resolução de um problema ou as situações problemáticas. Mesmo que as atividades técnicas fossem marcantes, o professor, em sua prática didático-pedagógica, ia, além disso, exercitando, pode se dizer, sua criatividade e leitura, de acordo com a situação presente.

O professor continuamente emprega recursos intelectuais e reflexivos durante as múltiplas solicitações da vida escolar, como conceitos, crenças, teorias e técnicas a fim de encontrar respostas para as situações problemas com que se depara. Sendo assim mesmo inconscientemente, o professor utiliza de processos de reflexão de acordo com suas possibilidades e limites. Daí a importância de se compreender e discutir a natureza do processo de reflexão de maneira que se possa contribuir efetivamente com o curso de formação docente.

De fato, esse planejamento detalhado (planejamento, execução e avaliação), concebido como necessário e de sucesso, é uma memória recorrente:

Eu me lembro bem que a gente colocava uma fita amarela, porque tem aquela leitura *laços de fita*; colocava; distribuía fitas verde e amarela na cidade, nos carros; planejava. Todo mundo discutia tudo que ia fazer. Todos os professores iam trabalhar na Semana da Pátria. Por exemplo: português era artigo sobre Semana da Pátria; Geografia, História, né? Tudo era sobre a Semana da Pátria. Isto era uns 15 dias. E depois havia culminância, né? Que eles apresentavam, tinha dramatizações da vida de Dom Pedro... (Cf. Entrevista com Suely da Paixão, fita 01, 03/09/2007).

Isto se repetia em outras datas comemorativas, tais como Semana do Índio, Semana da Páscoa, Aniversário de Catalão. É importante frisar que o professor, todos eles, segundo a professora Suely da Paixão, participavam do planejamento na íntegra.

Acima, levantamos a suspeita sobre a participação de todos os professores, em todos os processos do planejamento. Aqui temos outra indagação: planejar atividades como semana da Pátria, desfiles cívicos era a mesma coisa que planejar aulas?

A quarta etapa seria propriamente a execução:

Esta parte da didática, eles viam as aulas, ai eles davam aula dentro da sala de aula para o professor, depois eles iam para o grupo, assistiam as aulas práticas que eram orientadas pelos professores; depois eles ficavam, mais na frente, uma semana com o grupo por conta deles; dividiam os mini-grupos, né, eles faziam todo o planejamento; ai incluía tudo, matemática... (Cf. Entrevista com Suely da Paixão, fita 01, 03/09/2007).

Esta relação entre o professor e a atividade didática, o que estamos chamando de cultura didática, não era, portanto, tão simples como imaginamos no início da pesquisa, ou seja, como uma simples aplicação de conhecimentos e normas adquiridas. Mesmo que tenha havido certo direcionamento, controle, sobre a aplicabilidade dos planejamentos dominantes, os professores e professoras tinham, de certa forma, que se apropriarem destes planejamentos, entendendo-os, para executá-los nas suas atividades de docência.

Os conteúdos apreendidos vinham das disciplinas, chamadas de matérias, que eram oferecidas no Centro de Formação: Comunicação e Língua Portuguesa, Educação Artística, Educação Física, História e Geografia, Educação Moral e Cívica, OSPB, Ensino Religioso, Matemática, Ciências, Fundamentos da Educação (que incluía História, Sociologia, Filosofia e Psicologia), Estrutura e Funcionamento do Ensino de Primeiro Grau e Didática (Cf. Entrevista com Suely da Paixão, fita 01, 03/09/2007).

Pode-se inferir que a prática da didática no C.F.P.P.C. alimentava de um rigoroso sistema de formação do professor, que nos dez meses que estes ou aquelas professoras

ficavam internos, eles e/ou elas tinham uma rotina de trabalho cujo fim era, sem sombra de dúvidas, aprender a ensinar às crianças, na escola elementar.

No caderno de plano de aula da professora Elza Pires dos Santos, na aula do dia 06/05/74 da disciplina “Estágio da Aprendizagem da Leitura”, consta a seguinte pergunta e resposta:

“Qual a mais séria, porém agradável obrigação do professor?”
“A de ensinar a criança a ler e a usar a leitura com proveito.”
(Caderno de planos de aula de Elza Pires dos Santos, 06/05/1974).

O Centro de Formação de Professores Primários de Catalão, como uma instituição que se dedicou à formação de professores no sudeste goiano fortaleceu, sobretudo, procedimentos tradicionais como: a lógica disciplinar predominante com conseqüências no domínio do conteúdo, fragmentação do conhecimento, produção de informações sem pré-requisitos que produzam condições para que os futuros professores possam desenvolver sua autonomia pessoal, intelectual e profissional.

Entretanto, do ponto de vista técnico, os professores que se formavam aprendiam a ensinar e foram, ao longo de suas carreiras, colhendo resultados satisfatórios, dentro da perspectiva de formação que tiveram, na Educação de crianças. Entre formar professores para a transmissão de conhecimento e a construção do saber, o estudo sobre o C.F.P.P.C., certamente, atualiza questões, tais como o que deve ser a formação de professores em instituições de ensino (podemos aqui usar o termo instituições de ensino superior) em face às múltiplas realidades educacionais, bem como, social, política e econômica do nosso país?

Apontar, nesta perspectiva analítica, de forma negativa, a forte disciplina como um ingrediente de formação do professor no C.F.P.P.C., pode ser uma alternativa um tanto quanto apressada e ineficaz quanto à compreensão desta formação oferecida no C.F.P.P.C.:

... comecei a trabalhar dentro do Regime Militar e fiz Centro de Formação já com aquela ideologia militar, quem me preparou para a educação e vejo como ponto louvável a disciplina.
(Entrevista com Suleima André Nicoletti, realizada em 22/06/2001).

A análise do C.F.P.P.C. localiza no tempo e no espaço uma postura histórica de formação docente muito diferente desta que hoje evidencia nos cursos superiores do

nosso País. Não é rara a constatação entre professores da rede pública e privada de ensino de Catalão de que os professores licenciados pela Universidade estão despreparados para a sala de aula. Ora, isso seria um absurdo do ponto de vista daqueles que foram formados nos bancos do C.F.P.P.C.. Esse descompasso é muito mais um ponto de interrogação das diferenças históricas do que simplesmente um julgamento histórico.

Espera-se que a análise produzida pela presente pesquisa contribua para despertar um atento olhar para a construção de novos rumos para a formação de professores, em vários cursos da mesma natureza, existentes em nosso País. E que eles possam ser apoiados em teorias e práticas verdadeiramente significativas para a formação deste profissional.

A pesquisa sobre o C.F.P.P.C. vem deixando claro que a formação tecnicista foi importante para aquele modelo de preparação do professor primário. Se ao professor cabia reproduzir métodos e estratégias de ensino, aquele que vinha dos bancos do C.F.P.P.C. sabia fazê-lo muito bem. Hoje, dadas as novas circunstâncias culturais da Educação, as demandas são outras. Porém, o rumor de que está havendo uma improdutividade governamental (principalmente no que diz respeito ao baixo volume de investimento financeiro) na formação docente cresce, principalmente no que diz respeito a capacitar o professor para os desafios da sociedade contemporânea

Referências:

ALVES, Nilda. (Org.). **Formação de professores: pensar e fazer**. São Paulo: Cortez, 1992.

ANDRE, Marli E. D. A. A evolução do ensino de Didática. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo, v. 18, n. 2, p. 241-246, jul./dez. 1989.

CANDAU, Vera Maria. **A Didática em questão**. Petrópolis: Vozes, 1986.

CARVALHO, Irene Mello. **O Processo Didático**. São Paulo: Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no Plural**. São Paulo: Papyrus, 1995.

_____, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Coleção Memória e Sociedade. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de et al . A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 30, n. 1, 2004 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 Jul 2008. doi: 10.1590/S1517-97022004000100008

FÁVERO, Maria de Lourdes A. **Universidade e estágio curricular**: subsídios para discussão. IN:

ALVES, Nilda (Org.). **Formação de professores: pensar e fazer**. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

HONÓRIO FILHO, W. Livro diário de um mundo escolar. **Cadernos da Fucamp**. Monte Carmelo, 1(1), pp. 55-70, dez/2002.

_____. O ordinário e o extraordinário na formação de professores no interior de Goiás. **Dimensões – Revista de História da UFES**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, n.15, pp.135-152, 2003.

HONÓRIO FILHO, W.; CAMPOS, C. A. O Centro de Formação de professores primários de Catalão e suas relações com o Regime Militar: Catalão-GO, 1965-1983. **Cadernos de História da Educação**. Uberlândia, Editora da Universidade Federal de Uberlândia, n. 06, jan/dez. 2007, p.221-235, 2007.

JULIA, Dominique. A cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Editora Autores Associados, Campinas-SP. n. 1, p.09-43, 2001.

MELLHO, Josefina Carmem Dias de; **A cultura escolar e a História da Disciplina Didática Geral – ponto de partida ou de chegada para a análise de uma instituição pública de formação de professores**. Laboratório de políticas públicas, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.lab-eduimagem.pro.br/frames/seminarios/pdf/e8josmel.pdf>> acesso em 23 jul. 2008.

NÓVOA, António (org.). **Profissão Professor**. 2. ed. Porto/Portugal: Porto Editora, 1995.

OLIVEIRA, Maria Rita N. S. **A reconstrução da Didática**: elementos teórico-metodológicos. Campinas: Papirus, 1992.

PESSANHA, Eurize Caldas; DANIEL, Maria Emília Borges; MENEGAZZO, Maria Adélia. **Da Historia das disciplinas escolares à História da cultura escolar: uma trajetória de pesquisa sobre História do currículo**. Disponível em: <<http://lpp-uerj.net/olped/documentos/0482.pdf>> - acesso em 23 jul. 2008.

PILETTI, Claudino. **Didática Geral**. São Paulo: Editora Ática. 4. ed. 1985.

SOARES, Magda B. **Didática**: uma disciplina em busca de sua identidade. ANDE São Paulo, v. 5, n. 9, p. 39-42, 1985.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (coord). **Repensando a didática**. 21. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **História da educação no Brasil**: a constituição histórica do campo (1880-1970). Rev. Bras. Hist. , São Paulo, v. 23, n. 45, 2003 . Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 Jul 2008. doi:
10.1590/S0102-01882003000100003

Entrevistas:

Entrevista feita com a professora e ex-diretora do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão. Catalão, 03 de setembro de 2007.

Entrevista realizada com Suleima André Nicoletti. Catalão, 22/06/2001.

Entrevista com Eva Faria da Silva Barbosa. Catalão, 03/04/2001

1º Encontro de Professores do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão, promovido pelo Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, em 24 de outubro de 2007. Disponível em < <http://www.soprando.net/eventos/memoria-e-formacao-de-professores-em-catalao-parte-ii>>. Acesso em 23 de julho de 2008.